

Estudos Geográficos

Revista Eletrônica de Geografia

Caminhada sonora como método geográfico: processos de criação cinematográfica com a escola agrícola

Rogério Borges¹  

Wenceslao Machado de Oliveira Jr²  

Resumo: Este trabalho apresenta duas experiências de caminhada sonora feitas por estudantes de três turmas do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Agrícola Engº. Rubens Foot Guimarães, localizada no distrito de Ajapi, zona rural de Rio Claro-SP, como parte da pesquisa de doutorado intitulada “Um pesquisador-cineasta na escola agrícola: educação geográfica através da criação de uma série cinematográfica”. Na primeira experiência, uma sonidista apresentou a organização do som no cinema, com foco para a paisagem sonora criada através de sons ambientes. Na sequência, os estudantes saíram em caminhada com a atenção focada na escuta, realizando um boletim do que ouviram. Na segunda experiência, dividimos outras duas turmas em duplas, que tiveram dez minutos para experimentar as paisagens sonoras da escola e gravar o que quisessem, com um estudante monitorando pelo fone e o outro anotando. Nas duas experiências, buscamos outras formas de experimentação geográfica, através da atenção focada na audição, (re)inventando o lugar (escola agrícola) à medida que seus usos habituais, pelas regras escolares, e visual, pela cultura visual geográfica, foram deslocados através da intervenção criativa do cinema, num processo de captação de sons ambientes, reconhecendo a diferença e potencializando o que Doreen Massey chamou de “mente geográfica” (2017).

Palavras-chave: educação geográfica; cinema; paisagem sonora; escola; lugar

¹Doutorando pelo Programa de Educação da Unicamp - rogerioxborges@gmail.com

² Professor Doutor da Faculdade de Educação da Unicamp - wences@unicamp.br



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

SOUNDWALKING AS A GEOGRAPHIC METHOD:
CINEMATIC CREATION PROCESSES WITH A AGRICULTURAL SCHOOL

Abstract: This article presents two soundwalking experiences carried out by students from three lower secondary school classes at the Municipal Agricultural School Eng. Rubens Foot Guimarães, located in the rural district of Ajapi, Rio Claro, São Paulo, as part of the doctoral research project “A Filmmaker-Researcher in the Agricultural School: Geographic Education through the Creation of a Cinematic Series”. In the first experience, a sound designer introduced students to the organization of sound in cinema, focusing on the construction of soundscapes through ambient sounds. The students then went on a soundwalk, listening attentively and producing a log of what they heard. In the second experience, two other classes were divided into pairs and given ten minutes to explore the school's soundscapes: one student monitored the recordings through headphones while the other kept written notes. Both experiences sought alternative ways of engaging with geographic experimentation through attentive listening, reimagining the school space as habitual uses—shaped by school rules and the dominance of visual culture in geography—were displaced by the creative intervention of cinema. This process of capturing ambient sounds embraced difference and amplified what Doreen Massey (2017) has called the “geographical imagination”.

Keywords: Geographic Education; Cinema; Soundscape; School; Place

CAMINATA SONORA COMO MÉTODO GEOGRÁFICO:
PROCESOS DE CREACIÓN CINEMATOGRÁFICA
CON LA ESCUELA AGRÍCOLA

Resumen: Este trabajo presenta dos experiencias de caminatas sonoras realizadas por estudiantes de tres clases del Grado II de Enseñanza Primaria de la Escuela Municipal Agrícola Eng. Rubens Foot Guimarães, ubicada en el distrito de Ajapi, zona rural de Rio Claro-SP, como parte de la investigación doctoral titulada “Un investigador-cineasta en la escuela agrícola: la educación geográfica a través de la creación de un ciclo de cine”. En la primera experiencia, un diseñador de sonido presentó la organización del sonido en el cine, centrándose en el paisaje sonoro creado a través de los sonidos ambientales. Posteriormente, los estudiantes realizaron una caminata con la atención centrada en escuchar, escribiendo un informe sobre lo escuchado. En el segundo experimento, dividimos otras dos clases en parejas, que tenían diez minutos para experimentar los paisajes sonoros de la escuela y grabar lo que quisieran, con un estudiante monitoreando a través de auriculares y el otro tomando notas. En ambas experiencias, buscamos otras formas de experimentación geográfica, a través de la atención centrada en la audición, (re)inventando el lugar (escuela agrícola) en la medida que sus usos habituales, por las reglas escolares, y lo visual, por la cultura visual geográfica, eran desplazados a través de la intervención creativa del cine, en un proceso de captura de sonidos ambientales, reconociendo la diferencia y potenciando lo que Doreen Massey llamó la “mente geográfica” (2017).

Palabras clave: educación geográfica; cine; paisaje sonoro; escuela; lugar

INTRODUÇÃO

Pensar Educação na contemporaneidade implica lidar com imagens e sons que, para além do contato direto com as paisagens, são difundidos cada vez mais em

nosso cotidiano pelos aparelhos eletrônicos e celulares, configurando uma cultura audiovisual. Quando pensamos em educação geográfica, que não propõe ensinar a Geografia, mas educar por meio da Geografia (Rego, Costella, 2019, p. 7), enfatizamos a experiência humana como uma experiência geográfica, da qual todo indivíduo faz parte, de acordo com os contextos e especificidades do lugar em que habita. Essa experiência geográfica é sensorial, pois nossos sentidos são nossa forma de interação e percepção do mundo que, através das paisagens (vistas, sons, cheiros, gostos e toques), nos apresentam os lugares e seus múltiplos agentes de composição, como plantas, rios, rochas, animais não-humanos, humanos etc.

A Geografia, como ciência que estuda o espaço geográfico entendido como uma produção aberta contínua, múltipla e relacional (Massey, 2008, p. 95), é um campo em potencial para pensar a diversidade dos lugares, tanto de uns em relação aos outros, quanto as próprias camadas de um mesmo lugar que, ao propor práticas que alterem a relação da atenção e dos sentidos, apresenta novas subjetividades e formas de estar no mundo, desenvolvendo o que Doreen Massey chamou de “mente geográfica” (2017, p. 39). Para a autora “[...] pensar geograficamente contribui para os/as estudantes compreenderem e interpretarem as suas próprias reações às pessoas e aos lugares e para a reflexão sobre as perspectivas dos outros que podem ser diferentes das suas” (idem, p. 40). Massey é enfática em sua trajetória política da espacialidade ao se opor à ideia de narrativa única, na qual os países hegemônicos se colocam como parâmetro e destino na História, reduzindo toda a diversidade espacial, manifestada nos lugares do mundo todo, como povos atrasados à espera de um lugar na fila do “progresso” capitalista, ou o que Nego Bispo chama de sociedade eurocristã monoteísta (Bispo, 2015).

Para além de entender a mente geográfica como um conjunto de imagens mentais do mundo (Massey, 2017, p. 37), é necessário pensar em lugares-de-diferença (idem, p. 39) também quanto à linguagem e a relação das sociedades com os sentidos, que sofreram mudanças referenciais pelo processo de colonização. Enquanto os povos originários da América e da África tinham a centralidade de sua cultura no som, através da oralidade e da escuta ativa de seus lugares, “no Ocidente, o ouvido cedeu lugar ao olho, considerado uma das mais importantes fontes de informação desde a Renascença, com o desenvolvimento da imprensa e da pintura em perspectiva” (Schaffer, 2011, p. 27). Em *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do*

nosso ambiente: a paisagem sonora, Schaffer afirma que “antes da era da escrita, na época dos profetas e épicos, o sentido da audição era mais vital que o da visão. A palavra de Deus, a história das tribos e todas as outras informações importantes eram ouvidas, e não vistas” (idem, p. 28).

No entanto, mesmo reconhecendo a importância de conhecer lugares-de-diferença como uma forma de expandir a mente geográfica e reconhecer o espaço como diversidade, a Geografia (escolar e acadêmica) é tributária do pensamento ocidental e mantém sua centralidade nas imagens, seja dos mapas – produtos hegemônicos na área - ou no estudo das paisagens, que se dá predominantemente pelos recursos visuais. Nesse sentido, ao utilizarmos a criação cinematográfica como método, somos obrigados a pensar a paisagem como áudio(e)visual, aumentando a importância da paisagem sonora, definida por Schaffer como qualquer campo de estudo acústico, como uma composição musical, um programa de rádio ou mesmo um ambiente acústico (idem, p. 23). Dessa forma, as práticas de escuta abrem possibilidades criativas e geográficas de interação com e nos lugares, pois nossa atenção busca eventos ouvidos e não objetos vistos. (idem, p. 24).

Este vem sendo nosso percurso junto à educação geográfica, ao efetivá-la através de práticas cinematográficas em contextos escolares na pesquisa de doutorado com o título provisório *Um pesquisador-cineasta na escola agrícola: educação geográfica através da criação de uma série cinematográfica* (Fapesp 2021/12642-3).

A seguir, trazemos aspectos desta pesquisa ao apresentarmos duas experiências distintas de caminhadas sonoras realizadas com três turmas do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Agrícola Engº. Rubens Foot Guimarães, localizada no distrito de Ajapi, zona rural de Rio Claro-SP. Na primeira, tivemos uma roda de conversa sobre som, música e espaço com a sonidista Isadora Maria Torres que, na sequência, propôs uma caminhada em grupo para o mapeamento sonoro do lugar, utilizando apenas os ouvidos como instrumento. Na sequência, a artista sonora proporcionou uma escuta expandida aos estudantes, utilizando um gravador profissional de som de cinema. Na segunda experiência, com a presença apenas do pesquisador, tivemos a saída em duplas de estudantes para a gravação de som ambiente para um documentário, utilizando um gravador de som básico para compor um mapa sonoro da escola, de acordo com seus próprios desejos e critérios de escolha.

ENCONTRO COM UMA SONIDISTA

Ao longo da pesquisa, nos anos de 2022 e 2023, realizamos encontros semanais envolvendo formação, difusão e produção cinematográfica junto ao núcleo de cinema da Escola Agrícola, comunidade inicial³ formada por funcionários, docentes e estudantes de várias turmas com o objetivo de produzir uma série de três filmes. Nesse percurso, tivemos a participação de alguns artistas profissionais do cinema⁴, que propuseram práticas criativas e compartilharam suas experiências de cinema e vida. Uma presença importante nesse percurso foi da sonidista Isadora Maria Torres, multiartista rioclarense que iniciou seu contato com a arte através de projetos sociais, como o coletivo Kino-Olho⁵, se especializando em direção de som para cinema, compondo o duo Som de Black Maria⁶. A proposta para sua visita consistiu em conversar sobre som, falar de suas vivências, propor alguma prática e, nesse processo, identificarmos os estudantes mais interessados na área, para compor nossa equipe de som para os filmes que seriam produzidos na escola.

Isadora organizou a turma em uma roda de conversa (Figura 1) e propôs que falassem sobre os sons que gostam de ouvir. “Gosto de ouvir DJ”; “Gosto de tocar teclado e ouvir música remix.”; “O que é remix?”, comentam alguns estudantes. A pergunta, que inicialmente dizia respeito ao som, vai sendo apropriada pela música. Isadora segue em sua cartografia, sem limitar as respostas, deixando que a música vire o tema da conversa. Os estudantes começam a debater sobre o funk que, em poucas falas, se torna o tema principal da roda: “Curto funk, por causa da batida”; “Gosto de tudo, menos funk”. Participo também, compartilhando minha relação com o funk: “Gosto de funk, não costumo ficar muito em silêncio, principalmente quando tô

³ A primeira formação da comunidade de cinema teve início em fevereiro de 2022, congregando duas turmas, um oitavo e um nono ano do Ensino Fundamental II, totalizando 25 estudantes. Os encontros ocorreram semanalmente nos horários da disciplina Projeto de Vida, conduzidos pelo pesquisador com acompanhamento da professora titular Bruna Gomes Rossin, que também ministra aulas de Geografia na escola.

⁴ A participação destes artistas como oficineiros foi viabilizada através do projeto de formação Lugares de Cinema, apoiado pela Secretaria Municipal de Cultura de Rio Claro-SP.

⁵ O Grupo de Pesquisa e Prática Cinematográfica Kino-Olho foi criado em 2005 por João Paulo Miranda Maria, reunindo pessoas interessadas na fruição cinematográfica e na produção de filmes de maneira independente e experimental. Ao longo de quase vinte anos, o grupo atuou na formação de público por meio de cineclubes e realizou dezenas de oficinas de audiovisual em escolas, bairros periféricos e rurais do município de Rio Claro e região, por meio das quais centenas de jovens tiveram contato pela primeira vez com a linguagem e a produção audiovisual de maneira emancipada. Fonte: <https://kinoolho.com.br>

⁶ Duo de som direto, desenho e supervisão de som para filmes. Arte sonora e performance. Fonte: <https://somdeblackmaria.com>

no carro, porque daí ou é música ou é o som do motor". Bruna, a professora de Geografia também opina: "Gosto de música, pois lembro da minha família, mas gosto também do silêncio". Conversas paralelas se iniciam e fica impossível entender o que se diz.

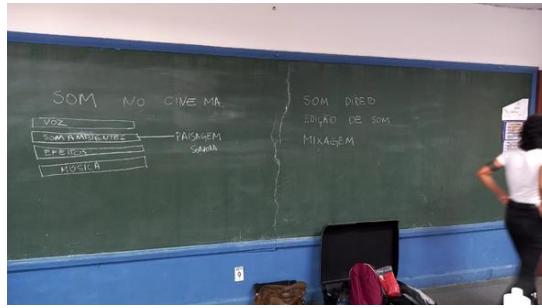
Figura 1 - Roda de conversa com sonidista de cinema



Fonte: acervo do pesquisador (2022).

Em meio à polifonia, Isadora se levanta e vai até a lousa, onde começa a escrever conceitos de som no cinema.

Figura 2 - Lousa com conceitos de som no cinema.



Fonte: acervo do pesquisador (2022).

Ela sobe o volume da voz para ser ouvida em meio às conversas múltiplas que ocorrem na sala de forma desorganizada. Na lousa, os tópicos apresentam a divisão do som no cinema: voz, som ambiente, efeitos, música. Em som ambiente, ela faz o destaque para paisagem sonora (Figura 2). Ao lado, divide o som nas etapas de produção: som direto, edição de som e mixagem. Isadora faz uma pergunta à turma: "Que som vocês ouvem nos filmes?". Eles pensam por um instante e começam a responder: "Efeitos sonoros, tipo a espada de Star Wars"; "Tiro, explosão"; "Barulho da água, carro passando". Isadora segue questionando-os: "Você sabem a diferença entre ouvir e escutar?". A turma fica em silêncio. "Ouvir é algo fisiológico, fazemos apenas com o ouvido, já escutar está ligado à atenção no que se ouve", explica a sonidista. Na sequência, propõe a atividade da caminhada sonora, na qual as/os

estudantes teriam cinco minutos para percorrer a escola, anotando tudo que ouvissem, utilizando apenas os ouvidos como instrumentos para a escuta.

A turma sai da sala e retorna cinco minutos depois, com suas listas. Antes de iniciar a roda de conversa, Isadora explica que o cinema é uma arte coletiva e que o som é uma de suas áreas, o que demanda estar em harmonia com as demais (fotografia, arte, direção, produção etc). Ela organiza a turma em roda (Figura 3) e abre a palavra, para quem quiser ler sua lista de sons.

Figura 3 - Roda de conversa sobre sons ouvidos na escola.



Fonte: acervo do pesquisador (2022).

De maneira tímida, as/os estudantes iniciam a leitura de seus boletins sonoros: pássaros, conversas, tratores, e o “gemido do Vitão”, um dos estudantes ali presentes. Várias pessoas relatam o gemido, e a situação fica hilária. Eu, Isadora e a professora Bruna nos divertimos, tentando compor em nossa mente essa geografia apresentada pelas anotações dos sons que haviam escutado e nos relatavam, especialmente o tal gemido, citado pela maioria. O relógio indica que temos apenas mais doze minutos de aula e Isadora acelera para seguir com a última parte que planejou, de apresentação dos equipamentos (Figuras 4 e 5): vara boom e gravador de som.

Figura 4 - Isadora apresentando a vara boom.



Fonte: acervo do pesquisador (2022).

Figura 5 - Isadora apresentando o gravador de som.



Fonte: acervo do pesquisador (2022).

A vara boom é uma haste prolongável, na qual o microfone fica acoplado. Por sua extensão, ela permite um longo alcance à sonidista, de modo que consiga uma aproximação com o ponto de emissão sonora, mas sem aparecer no quadro filmado. O gravador de som é o equipamento que registra e salva os sons captados pelo microfone e é onde o técnico responsável pelo som faz o monitoramento, com a utilização de fones de ouvido. Após mostrar estes equipamentos e explicar sobre como eles funcionam, Isadora propõe que falem e escutem utilizando-se deles (Figuras 6 e 7). O sinal toca, indicando o final da aula e a turma começa a sair da sala. Os mais interessados se aproximam e começam a interagir com o aparelho, ouvindo o ambiente.

Figura 6 - Estudantes interagindo com o gravador de som.



Fonte: acervo do pesquisador (2022).

Figura 7 - Estudantes interagindo com o gravador de som.



Fonte: acervo do pesquisador (2022).

As pessoas presentes ficam encantadas com a expansão da escuta proporcionada pelo gravador. Formamos um grupo de interessados em participar da equipe de som da nossa comunidade de cinema que, nesse momento, já era composta pelos sons, imagens, contato com equipamentos e outras possibilidades de escuta. Por meio do agenciamento de seus componentes, nossa comunidade inventava um comum “sob o modo de uma incessante demanda de formas cinematográficas sempre por criar, indeterminadas e indetermináveis, abertas em sua destinação” (Guimarães, 2015, p. 49). Isadora guarda os equipamentos, se despede do grupo e finaliza o encontro.

MAPA SONORO DA ESCOLA AGRÍCOLA

Aproximadamente um ano depois, já com a experiência coletiva de termos gravado um filme de ficção, *Para Onde Vão Os Animais?* disponível em <https://drive.google.com/file/d/1b1HJSJAieQ2rdLkMlnYfqKeMdFd0JTG/view?usp=sharing> e algumas filmagens⁷ proponho uma

⁷ Filmes-ensaios disponíveis: Experimento 1 Minuto https://drive.google.com/file/d/1h8TrQbpFoTTE5Q0C2jJS_L-YmMGih3Tl/view?usp=sharing

nova atividade com som: um mapa sonoro da escola agrícola, composto por sons ambientes gravados em um mesmo dia. A proposta foi efetivada com duas turmas diferentes de estudantes, que não participaram do encontro com a sonidista no ano anterior. Iniciamos a atividade com uma turma de 9º ano, propondo que se organizem em duplas para gravar sons quaisquer de coisas que estivessem acontecendo na escola naquele momento. Dessa vez, tínhamos um equipamento básico para as duplas utilizarem: um gravador de som, da marca Tascam, modelo DR-100mkII; um “cachorrinho”, capa de pelúcia que serve para proteger o microfone do vento; e um fone de ouvido, para monitoração. A turma se organizou em duplas para iniciar a atividade.

A primeira dupla, composta por duas meninas, sai para gravar. O pesquisador as acompanha, enquanto o restante da turma permanece na sala com a professora titular. As estudantes pensam por alguns instantes e ouvem um barulho vindo do barracão do fundo, do outro lado do terreno da escola. Se lembram que é o Dia do Desafio. Ao chegarmos lá, há um professor de Educação Física com uma turma de Ensino Fundamental I, formados em círculo. Elas olham, afirmando positivamente que vão começar a gravar (Figura 8).

Figuras 8, 9 - Estudantes gravando som ambiente.



Fonte: acervo do pesquisador (2023).

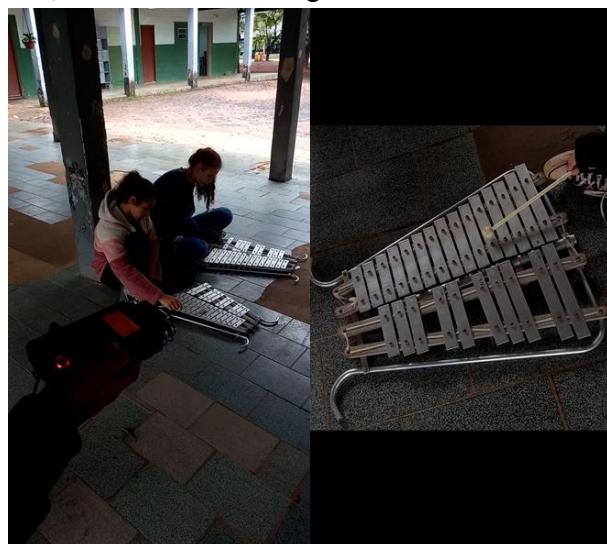
A menina que está no gravador dá o *rec*:
https://drive.google.com/file/d/1ztOSMwG_kEbRG0MJUPJIMWkw799KjG9F/view?usp=sharing

Festa Junina <https://drive.google.com/file/d/1WIFYe3-yWc5nZmOaEA519sbDBMvQyzE/view?usp=sharing>

p=sharing. O professor explica o que é o evento, que propõe desenvolver atividades de cooperação entre a comunidade. Ela dá o *stop* e passa o gravador para a outra, que continua a gravar a turma (Figura 9), que agora faz uma contagem de zero a dez nos exercícios, em português e depois em inglês, o que empolga mais: <https://drive.google.com/file/d/1Zetl0cbrTtkHkoeb6rEAP9xuy2jFAiT9/view?usp=sharing>.

Voltamos e trocamos para a próxima dupla, composta por dois meninos. Eles pegam o equipamento e caminham em direção a um pátio mais próximo, onde estudantes ensaiam (Figuras 10, 11), tocando lira (ou xilofone) em roda: https://drive.google.com/file/d/1gKvwsZ5DM60ZRghnJ_INSubWfG6mGSGR/view?usp=sharing.

Figuras 10, 11 - Estudantes gravam som do ensaio de lira.



Fonte: acervo do pesquisador (2023).

Reconheço a música: *Não Quero Dinheiro*, de Tim Maia. Enquanto um grava, o outro fica no apoio. Não querem trocar de função. Como o dispositivo consistia em gravar apenas um arquivo por aluno, e estavam em dupla, ainda poderiam escolher algo mais para gravar. Terminam de gravar um trecho do ensaio e olham ao redor, mas não encontram mais nada acontecendo, segundo eles. Voltamos para a sala.

A próxima dupla parece já saber o que buscam. Passamos pelo pátio, cruzamos o refeitório e vamos até a cozinha. O menino que está no gravador está determinado. Ficamos em silêncio e ele nota o som de uma máquina, talvez um refrigerador, vindo da outra cozinha. Começa a gravar e nos olha, confirmando que deu o rec. Faz dois takes: <https://drive.google.com/file/d/1dXmijVp0XiTXmbMQ8cqNwsKQz1mcPQx1/view?usp>

=sharing

e

<https://drive.google.com/file/d/1AnOBcsOkb6snseCNgFpZKlyg58pLZdps/view?usp=sharing> e diz que tem o suficiente. Oferece o gravador para o outro, que não quer. Nesse momento, o menino que já está no gravador pede para gravar novamente e eu concordo. Ele começa então sua peça sonora, tocando os objetos da cozinha (Figuras 12, 13, 14): [https://drive.google.com/file/d/1iN2jUApAGWABeXIZ9-1Xc5nDpkr4jEh /view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1iN2jUApAGWABeXIZ9-1Xc5nDpkr4jEh/view?usp=sharing).

Figuras 12, 13, 14 - Estudante compondo sonoridades com os utensílios da cozinha



Fonte: acervo do pesquisador (2023).

Me dirige com os olhos, indicando para que eu mexa nos talheres, o que aparece gravado na parte final do arquivo. A última dupla pega o gravador para gravar a chuva. Tentamos ir para algum lugar distante, mas somos impedidos pelo risco de molhar o equipamento. O som da chuva é baixo, difícil de captar. Encontramos uma sala de aula vazia, eles apontam o microfone para fora da janela e tiram o cachorrinho para

gravar:

<https://drive.google.com/file/d/1NozinPYKp9NLkZPBvGrj6VIZoFLUCola/view?usp=sharing>. Eles terminam e o sinal para o intervalo soa.

Após o intervalo, vou para a sala do 7º ano e apresento novamente a proposta. Duas meninas saem para gravar. Fico parado no pátio e elas seguem em busca dos sons. Passam pelo ensaio das caixas da fanfarra e param para gravar:

https://drive.google.com/file/d/1j51AIOLfpu8FsW_im55XN-8ng_fHcKnM/view?usp=sharing. Elas trocam de função e descem para a suinocultura, local onde ficam confinados os porcos da escola: <https://drive.google.com/file/d/1mBAJxPN1MJ1QR2PIMS7wC6TI3H0OpSG1/view?u>

sp=sharing. A próxima dupla, de meninos, vai também atrás dos animais, mas agora na baia do cavalo Nitão (Figuras 15, 16): <https://drive.google.com/file/d/17dILZ3s4UOEuPOwtgbeiAmWt4v5H3Na/view?usp=sharing>.

Figuras 15, 16 - Estudante gravando som com o cavalo Nitão.



Fonte: acervo do pesquisador (2023).

O som do ensaio de caixas também os atrai: <https://drive.google.com/file/d/1nK3U4IIRCMhJ8-KMXfl5isfpAH0J1-Bv/view?usp=sharing>.

Partimos para as últimas gravações. Uma menina vai até o galinheiro: <https://drive.google.com/file/d/1lb0ESxV9J7dZbbruGz6TMS7uyOs-ReUG/view?usp=sharing>. O último a gravar fica parado próximo à floresta e, de forma genérica, nomeia seu áudio de natureza: <https://drive.google.com/file/d/1F5nKEGoBj2GNm2RoM0dBGHizEIH2MWnT/view?usp=sharing>. Sem parar a gravação, sua parceira de dupla vai até o parquinho infantil e começa a fazer sons, interagindo com os brinquedos. Voltamos à sala, onde concluímos a atividade e aguardamos o soar do sinal, que encerra a aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As caminhadas sonoras criaram uma outra forma de habitar aquele espaço: a busca pelos sons. As duas experiências apresentaram práticas pedagógicas em busca de uma geografia emancipada, de pés no chão e ouvidos abertos, que parte da

experiência humana como processo geográfico e das paisagens sonoras como um campo aberto de escuta e interação com o mundo.

No encontro com a sonidista Isadora Maria Torres foi evidenciada a presença da música como referência sonora dos estudantes, que “é um indicador da época, revelando, para os que sabem como ler suas mensagens sintomáticas, um modo de reordenar acontecimentos sociais e mesmo políticos” (Schaffer, 2011, p. 23). A centralidade do funk na conversa sobre música, apresenta a relação entre esse gênero musical, gestado nas periferias do sudeste brasileiro como uma forma de resistência cultural, e a turma de jovens que vivem num território híbrido composto por filhos de trabalhadores do campo e operários urbanos, localizado numa área que tem de um lado um distrito rural e do outro um distrito industrial, sendo atravessado, portanto, por trajetórias, no sentido de Massey (2008), que (des)articulam ali elementos dos modos de vida do campo e de modos de vida urbanos, o que pode ser sentido na (des)articulação entre o funk das periferias urbanas com o interesse por gravar sons dos animais, da chuva, da natureza.

A polifonia de várias conversas paralelas na sala, característica do cotidiano escolar, apresentou exemplos do som como um agente de composição desse lugar, sendo utilizado também como instrumento pelos que estão no controle desses espaços formativos, como o momento em que a sonidista sobe o volume da voz para ser ouvida e fazer os demais ficarem em silêncio, proporcionando um espaço de diálogo e escuta.

As anotações da caminhada sonora apresentaram o que Schaffer chamou de sinais, que são sons destacados, ouvidos conscientemente (2011, p. 26), que foram ouvidos e escutados, através da proposta da sonidista, que convocou uma atenção sonora como possibilidade cartográfica e cinematográfica. O citado “gemido do Vitão”, relatado por vários estudantes, criou um destaque comum entre a turma e, possivelmente, foi uma tentativa do aluno em ocupar esse território sonoro, ao qual todos estavam atentos, chamando a atenção da turma para si, gesto corriqueiro nas salas de aula, numa busca por protagonismo em meio a coletividade.

A escuta expandida, proporcionada pelo gravador de som, trouxe um elemento sobre-humano capaz de ouvir o que os ouvidos nus não conseguiriam, apresentando outros referenciais da percepção sonora, o ouvido-máquina, não-humano. O sinal escolar, marca típica da educação tradicional, impôs sua hegemonia. Ele toca a cada

quarenta e cinco minutos, ordenando que os corpos mudem de sala, comam, brinquem, vão ao banheiro, sigam as regras. Ninguém do grupo ousou questioná-lo.

Já na segunda caminhada, na gravação do mapa sonoro, um ano depois, alguns estudantes buscaram percursos a partir da escuta do lugar no tempo presente, enquanto outros acessaram a memória auditiva para escolher previamente lugares que poderiam ser interessantes. Os primeiros estudantes de cada turma foram atraídos por ruídos mais evidentes, como a turma das crianças e os ensaios da fanfarra, já os últimos buscaram sons ambientais, da chuva e da natureza, além de intervir artisticamente, produzindo sonoridades através dos objetos da cozinha e dos brinquedos do parquinho. Seria o perfil de cada estudante determinante para o tipo de som que buscaram? Ou os que foram pegos de surpresa tiveram menos tempo para pensar e criar, e por isso foram atrás das situações que produziam mais ruídos? Houve, nas duas turmas, uma busca para se diferenciar dos que já tinham feito antes, de modo que as experimentações feitas no grupo afetassem as escolhas/ações seguintes. Dessa forma, se destacou a potência de produção do comum como algo dissensuado (Guimarães, 2015) na medida mesma que a busca pela diferença se fez mais marcante: o som destacado por um promove uma ligeira diferença nos demais, ampliando as possibilidades e atenções daquela comunidade de cinema.

A compilação sonora produzida pelos estudantes apresentou a escola, não o que ela é, mas o que ela se tornou com a intervenção dos sonidistas escolares. Evidenciando a multiplicidade do lugar (Massey, 2008), trajetórias diversas se cruzaram com a trajetória do cinema naquela escola: a fanfarra, o Dia do Desafio, a vida dos animais, criando desdobramentos do lugar-escola a partir de si mesmo, agenciados pela experiência sonora expandida.

Nesse contexto, como a presença de um estudante com um gravador de som afetou o funcionamento da escola? Apesar de habituados com as práticas de cinema, não explicamos para ninguém o que estávamos fazendo. A empolgação dos alunos contando até dez em inglês, o foco no ensaio de xilofone, a atenção a qualquer sonoridade mínima que pudesse surgir, tudo isso existiu a partir da intervenção sonora cinematográfica. O aluno que compôs uma peça sonora na cozinha, já tocou (fez música com) os talheres alguma vez na vida ou essa possibilidade só surgiu com a experiência da escuta do gravador? Potências espaciais (Oliveira Jr, 2015, p. 325) ativadas pelo gravador...

A busca pelos animais, já presente em outras atividades de criação imagética na escola agrícola para a realização do filme “Para Onde Vão Os Animais?”, se mostrou como um caminho criativo para muitos alunos, sempre que podem escolher livremente onde ir. Tanto os porcos, quanto os bois, o cavalo Nitão e as galinhas, habitam o imaginário das crianças, como algo mítico e simbólico, personagens que elas fazem questão de evidenciar. Isso é um fator de diferença nessa escola, é algo que permeia a mente geográfica de seus/suas estudantes que, se reconhecendo como diferença, afeta seus termos de negociação.

Quanto à atenção focada para o som, não é algo que o gravador em si criou, pois poderíamos usar um celular e um fone, equipamentos que a maioria das/dos estudantes já possui, ou apenas os ouvidos, o principal instrumento auditivo de nosso cotidiano. No entanto, o encantamento com um aparelho eletrônico novo e diferente, bem como a qualidade do som que se ouve, foram fatores que aumentaram o engajamento na atividade.

A paisagem sonora da escola agrícola também se diferencia das demais escolas, pois está distante do centro urbano e, portanto, é menos ruidosa em seu entorno. É um lugar em que se vê poucos/as adolescentes usando fones de ouvidos, talvez por uma questão social ou cultural, mas implica uma outra relação com o lugar e sua escuta. Mesmo assim, o imperativo da ordem escolar é um sinal sonoro.

No entanto, essa nova experiência geográfica – caminhando pelo som – trouxe desvios de percurso e de atenção, afetando a mirada através da escuta, levando a lugares que pareciam banais para as imagens, como uma pia com louças, a se tornarem potências através do som. Na contramão do cinema convencional, que produz sons para imagens já dadas, nos perguntamos como a criação sonora como ponto de partida afeta o devir-escola daquele lugar? O que muda na forma de olhar o mundo, quando nos colocamos, primeiro, a ouvi-lo? Podemos mudar nossa relação com os sentidos através de práticas “cinegeográficas”? Como seria a experiência de alguém que vive diariamente na comunidade agrícola ao ouvir/ler esse texto? Que escola emerge a partir de diferentes vivências e experiências com aquele lugar?

Outras perguntas se desdobram destas: como as práticas sensoriais podem criar um ambiente diverso, capaz de criar espaços de igualdade entre, por exemplo, estudantes com deficiências (visuais, auditivas, entre outras). Em busca de novas perguntas, as escolas – principalmente aquelas cujos lugares são menos semelhantes aos habituais formatos escolares, como esta e outras escolas agrícolas – nos parecem

ótimos campos de experimentação para outras geografias, cinemas e mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

- BISPO, A. S. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- GUIMARÃES, C. O que é uma comunidade de cinema? Revista Eco Pós. V. 18, N. 1, 2015.
- MASSEY, D. A mente geográfica. Niterói: Universidade Federal Fluminense. GEOgraphia. Vol.19, No40, 2017.
- MASSEY, D. Pelo espaço – uma nova política da espacialidade. Tradução: Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- OLIVEIRA JR., W. M. Imagens desabam sobre paisagens - Acidente e espaço acidental no cinema de Cao Guimarães. In: AZEVEDO, A. F. (org.); RAMÍREZ, R. C.; OLIVEIRA JR. W. M. (org.). Intervalo II: entre geografias e cinemas. UMDGEO - Departamento de Geografia, Universidade do Minho, Braga-Portugal. 2015.
- REGO, N.; COSTELLA, R. Z. Educação geográfica e ensino de Geografia: distinções e relações em busca de estranhamentos. Signos Geográficos, Goiânia-GO, V.1, 2019.
- SCHAFFER, R. M. A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Editora Unesp, 2001.